

Quais fatores prevalecerão, de alta ou de baixa??

No mês de fevereiro/2025, o café Arábica, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em 374,35 cents/lb, chegou a trocar de mãos na máxima de 429,95 cents/lb e encerrou o mês com fechamento em 373,05 cents/lb, portanto, apesar do ajuste negativo ao final do mês, novos recordes históricos foram atingidos. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), iniciou com o fechamento do primeiro dia de negócios em USD 5.520,00/ton, chegou a trocar de mãos na máxima de USD 5.849,00/ton e encerrou o mês em USD 5.330,00/ton, portanto, um mês que, apesar de apresentar mais um recorde histórico de preços, também se encerrou com uma correção negativa. Os motivos desses movimentos nas principais Bolsas de café do mundo com algumas perspectivas futuras, a seguir...



Fechamentos - Mês de Fevereiro/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$ 2.600,00	R\$2.850,00	R\$ 2.600,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$ 2.440,00	R\$2.750,00	R\$ 2.440,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$ 2.100,00	R\$2.320,00	R\$ 2.100,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R\$/sc)	R\$ 1.910,00	R\$2.020,00	R\$ 1.910,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	373,05	421,10	373,05
Bolsa SP - [B] ³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	461,90	519,75	461,90
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)*	5.330,00	5.821,00	5.330,00
Câmbio - PTAX - USD/R\$	R\$ 5,6979	R\$ 5,8687	R\$ 5,8488

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: Maio/2025

FATORES DE SUSTENANÇA (ALTA)

No mês de fevereiro/2025, apesar dos fundamentos se manterem sem novidades, as cotações na Bolsa de NY e de Londres atingiram novos recordes históricos. Isso se dá, em especial, pelo atual contexto de aperto no abastecimento a nível global, com estoques extremamente críticos, tanto nas origens produtoras como nos países consumidores, o que deve seguir sustentando os preços mais elevados até que haja alguma alteração mais concreta no quadro de escassez que o mundo vem sofrendo.

Quanto aos fundamentos de oferta e demanda, seguem como no mês anterior, sem alterações. Assim como posto na Síntese do mês de janeiro/25: com relação ao ciclo 2024/25, a revisão dos números do relatório de oferta e demanda global do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA) publicada no mês de dezembro/24 segue prevalecendo como um dos principais fatores de sustentação das cotações. Como esperado, o USDA revisou a safra 2024/25 do Brasil, anteriormente estimada em 69,9 milhões de sacas, para 66,4 milhões de sacas, portanto, 3,5 milhões de sacas a menos em função da seca aliada às elevadas temperaturas no decorrer do ano de 2024. Consequentemente, de acordo com o USDA, a safra global de café para 2024/25, anteriormente estimada em 176,235 milhões de sacas, também sofreu uma queda, indo para 174,855 milhões de sacas. No relatório do USDA, é possível observar que parte da revisão negativa da safra brasileira para o ciclo 2024/25 foi amenizada por uma revisão positiva para as safras do Vietnã (+1,1 milhão de sacas), cuja nova estimativa é de 30,1 milhões de sacas ante 29 milhões estimadas anteriormente, e da Colômbia (+500 mil sacas), cuja nova estimativa é de 12,9 milhões de sacas ante 12,4 milhões estimadas anteriormente. Num comparativo de produção entre o Arábica e o Robusta/Conilon, é possível perceber uma revisão oposta, isto é, enquanto a estimativa de produção global do Arábica sofreu redução, a do Robusta/Conilon sofreu acréscimo. Em suma, as estimativas mais recentes de produção global do Arábica encontram-se da seguinte forma: 2023/24 (96,379 milhões de scs); 1ª estimativa 2024/25 realizada em junho/24 (99,855 milhões de scs); 2ª estimativa 2024/25 realizada em dez/24 (97,845 milhões de scs). Já as estimativas mais recentes de produção do Robusta/Conilon apresentam-se da seguinte forma: 2023/24 (71,625 milhões de scs); 1ª estimativa 2024/25 realizada em junho/24 (76,380 milhões de scs); 2ª estimativa 2024/25 realizada em dez/24 (77,010 milhões de scs). De um modo geral, apesar da revisão negativa para o ciclo 2024/25 em -1,38 milhão de sacas, a safra global 2024/25, atualmente estimada em 174,855 milhões de sacas, segue apresentando acréscimo de 6,851 milhões de sacas frente à safra global anterior (2023/24), estimada em 168,004 milhões de sacas pelo USDA, o que deveria ser um fator baixista. Mas, apesar disso, é importante notar que o acréscimo de 6,851 milhões de sacas do ciclo 2023/24 para o ciclo 2024/25, apontado pelo USDA em seu último relatório, não é o suficiente para trazer alívio para o quadro de escassez, ao menos é o que segue apontando a relação percentual dos estoques de passagem frente ao consumo global. Longe disso, ao analisar tal relação, é possível perceber que o cenário dos fundamentos segue apontando aperto para o ciclo 2024/25. O USDA revisou o consumo global para o ciclo 2024/25, anteriormente estimado em 170,634 milhões de sacas, para 168,071 milhões de sacas. Porém, como os estoques globais de passagem foram revisados negativamente e de modo mais robusto (-4,917 milhões de sacas), saindo de 25,784 para 20,867 milhões de sacas, a relação estoque%/consumo global, anteriormente apontada em 15,11%, atualmente corresponde a 12,42%, um nível mais alarmante ainda. Os estoques de passagem, não são suficientes nem mesmo para dois meses de consumo.

O cenário global de fundamentos, descrito acima, deixa o mercado de clima extremamente sensível e, quaisquer notícias, por mais que apenas previsões ainda não concretizadas relacionadas ao clima, gera um considerável impacto na curva dos preços, deixando o mercado extremamente volátil, o que pode ser observado claramente nas Bandas de Bollinger do gráfico da primeira página no período correspondente ao mês de fevereiro.

Por se falar em clima, aqui no Brasil, maior produtor de café do mundo, apesar do bom volume de chuva até o mês de janeiro/15, em importantes regiões cafeeiras, o veranico com cerca de 30 a 40 dias sem chuvas, com altas temperaturas e escaldadura nos cafeeiros, vem deixando o setor realmente apreensivo e certamente foi um dos fatores de grande peso para os novos recordes históricos das cotações. Para se ter melhor noção quanto ao quadro climático do mês de fevereiro/25, nas Estações de Avisos Fitossanitários da Fundação Procafé, foi possível constatar o seguinte:

- Sul de Minas: em fevereiro, as precipitações ficaram abaixo da média nas regiões de Varginha, Boa Esperança, Muzambinho e Carmo de Minas. O normal na média da região seria uma precipitação de 195 mm, porém choveu 98 mm na média das quatro regiões e as chuvas foram esparsas. As regiões de Varginha, Muzambinho estão com armazenamento baixo e em Boa Esperança está zerado. As temperaturas do ar ficaram acima das médias históricas, com exceção de Carmo de Minas. A média normal para as quatro regiões seria uma temperatura média de 22,3°C sendo que em fevereiro tivemos uma temperatura de 23,3°C na média geral.

- Alta Mogiana: em fevereiro, as precipitações na região de Franca foram de 108 mm. O normal na média da região seria uma precipitação de 221 mm. O armazenamento de água no solo foi reduzido para 18 mm. Já a temperatura média do ar foi de 24,2°C, ficando acima da média histórica (23,1°C).

- Alto Paranaíba / Triângulo Mineiro: em fevereiro, as precipitações foram bem inferiores às médias históricas, porém, ainda suficientes para manter os déficits hídricos zerados para Araxá, Araguari e Patrocínio. Neste período, as temperaturas médias ficaram acima da média em 1,5°C.

O setor deve ficar atento ao veranico que já se estende neste início de março/25 e que, sem dúvidas, já ocasionou prejuízo na granação dos frutos para a safra brasileira deste ano, embora não tão expressivo. De acordo com o pesquisador da Fundação Procafé, Alysson Vilela Fagundes, os danos na granação não devem ser tão altos para esta safra (2025) pelo fato de que no momento em que, de fato, o veranico se intensificou (final de fevereiro), o período de granação já estava praticamente em sua fase final, sendo possível concluir que o prejuízo para a safra 2025, embora existente, não deve ser tão intenso. Apesar disso, é mais uma perda para uma safra cujo potencial já era pequeno em função da seca associada às altas temperaturas enfrentadas entre abril e setembro do ano passado. A grande preocupação fica para a safra 2026. De acordo com Alysson, por mais que chova entre os meses de março, abril e maio, a safra brasileira de 2026, ainda que possa ser grande, já tem uma parte prejudicada em crescimento e não deve vir com o potencial produtivo que viria caso não fosse o recente veranico.

Também, ressalta-se o fato de que a VICOFA (Associação de Café e Cacau do Vietnã) novamente revisou sua estimativa de produção de café vietnamita, para o ciclo 2024/25, de 28 milhões de sacas estimadas no mês de dez/24 para 26,5 milhões de sacas, ou seja, 3,6 milhões a menos do que o previsto pelo USDA em sua mais recente previsão, estimada em 30,1 milhões de sacas.

Enquanto o relatório de hoje (07/mar) da Marex estima um leve excedente, conforme já posto em sínteses anteriores, a Volcafé projeta um déficit global de café arábica de 2025/26 de -8,5 milhões de sacas, maior do que o déficit de -5,5 milhões de sacas apontado pela exportadora para o ciclo 2024/25 e o quinto ano consecutivo de déficits.

Em mais um fator positivo para os preços, quando comparado com anos anteriores, é possível afirmar que um percentual maior da safra de 2024 do Brasil já foi comercializado, o que significa que a oferta para os próximos meses deve ser ainda mais restrita. É fato que os estoques brasileiros evidenciam um cenário de extremo aperto no curto prazo, o que expõe a dificuldade que o país terá para atender ao consumo interno, que gira em torno de 1,7 a 1,8 milhão de sacas/mês e às exportações do primeiro semestre. De acordo com dados da agência Safras & Mercado, até o dia 11/fevereiro, os produtores brasileiros já haviam comercializado 88% de sua safra 2024, contra 79% do ano passado e a média de 5 anos de 82%. Por outro lado, de acordo com a Safras & Mercado, as travas futuras para safra de 2025/26 seguem mais lentas, com 13% da safra já fixada, bem atrás da média de 4 anos de 22%, o que sugere uma relutância dos produtores em vender e uma redução na oferta de cafés novos.

De um modo geral, as exportações globais de café esfriaram no início do ano de 2025 como apontam dados da OIC (Organização Internacional do Café). Enquanto no mês de janeiro/24, as exportações globais de café totalizaram um volume de 12,488 milhões de sacas, em janeiro/2025, o volume global exportado totalizou 10,826 milhões de sacas. Já no Brasil, de acordo com o Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), em janeiro/25 foram exportadas 3,977 milhões de sacas, uma ligeira redução de 1,6% em comparação às 4,042 milhões de sacas exportadas em janeiro/24. Já no mês de fevereiro/25, foram exportadas 3,274 milhões de sacas de café, 10,4% a menos do que o mesmo mês do ano passado. Porém, em receita, a performance é 55,5% superior, rendendo US\$ 1,190 bilhão ao país, sendo este um montante recorde para meses de fevereiro, refletindo as cotações elevadas no mercado global. De acordo com o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, “embora as bolsas internacionais tenham recuado das recentes máximas, os preços atuais e as cotações médias dos últimos meses são significativamente maiores do que aqueles praticados no mesmo período do ano anterior, o que justifica os recordes em receita”. Com a performance do mês passado, os embarques de café do Brasil subiram para 33,452 milhões de sacas no acumulado dos oito primeiros meses da safra 2024/25 (jul/24 a fev/25), rendendo US\$ 9,723 bilhões. Ambos os desempenhos são recordes para esse período e implicam altas de 8,8% em volume e 59,8% em receita cambial na comparação com o mesmo intervalo de um ano anterior, jul/23 a fev/24. Ainda, de acordo com o presidente do Cecafé, devido ao período de entressafra e à baixa disponibilidade diante o alto volume já comercializado e exportado aqui no Brasil, tanto os Arábicas quanto os Canephoras brasileiros estão com preços menos atraentes em relação aos cafés de outras importantes origens produtoras, sendo este mais um fator que deve impactar o desempenho das exportações do Brasil, que podem seguir em menores volumes nos meses seguintes. Volume menor de oferta no Brasil, tende a dar sustentação aos preços no mercado interno como apontam os diferenciais de base a seguir.

Após atingir patamares recordes de preços, a correção negativa nas cotações, por retrain o produtor que se nega a vender em preços menores, tende a impactar positivamente nos diferenciais de base, mantendo-o valorizado. Para se ter melhor noção, no mercado de exportação do Brasil, foi possível observar um estreitamento (valorização) no diferencial de base FOB Brasil contra ICE Futures US (Nova Iorque). Um fine cup tipo 2/3 pen. 17/18 que há um ano

estava -7 cents/lb e há uma semana estava +23 cents/lb, atualmente está em +25 cents/lb. Já um fine cup tipo 2/3 MTGB que há um ano estava -12 cents/lb e há uma semana estava -9 cents/lb, atualmente está girando em torno de -6 cents/lb.

No cenário interno, a expectativa de elevação na taxa de juros, segue colaborando para a queda do Dólar contra o Real uma vez que o aumento do diferencial de juros entre Brasil e EUA tende a atrair mais capital estrangeiro para o Brasil. Já no cenário externo, apesar de toda aversão ao risco que as ameaças de Trump vem gerando, a expectativa do mercado era de que as medidas fossem ser mais agressivas, porém, o cenário observado vem sendo mais ameno. Com isso, a intensa aversão ao risco vem dando lugar a uma aversão ao risco menos intensa, o que vem, inclusive, colaborando para a desvalorização do Dólar, não somente contra o Real, mas também contra outras moedas, sendo esta desvalorização do dólar, outro fator altista para as cotações do café nas Bolsas (não no mercado físico). A desvalorização do Dólar tende a dar sustentação às cotações nas principais Bolsas de café do mundo haja vista que a moeda de negociação nas referidas Bolsas é o Dólar e, diante sua desvalorização, o mercado tende a se tornar mais atrativo para a ponta compradora estimulando, assim, um movimento altista. Além disso, a desvalorização do Dólar tende a desestimular as exportações, o que também corrobora positivamente para as cotações do café nas Bolsas. A desvalorização do Índice do Dólar (US Dollar Index), que encerrou o primeiro dia de fevereiro/25 a 108,42 pts e encontra-se hoje (07/mar) abaixo de 104 pts juntamente com a desvalorização do Dólar contra o Real, que iniciou o mês de fevereiro/25 acima de R\$ 5,85 e encontra-se hoje (07/mar) próxima de R\$ 5,75, certamente serviu de gatilho para o movimento de alta nas principais Bolsas de Café do mundo.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

Apesar dos novos recordes vistos em fevereiro/25, a partir da terceira semana do mês, o mercado acabou devolvendo os ganhos. Como sempre, os fatores de pressão não deixam de marcar presença, mas, nada fora do normal para o conflitante mercado de café.

Enquanto ao Volcafé estima déficit, o recente relatório da Marex Solutions, estima excedente global para o ciclo 2025/26 de 1,2 milhão de sacas contra 0,2 do ciclo 2024/25.

De acordo com o Pesquisador da Fundação Procafé, Alysso Vilela Fagundes, mesmo que já exista preocupação com a safra brasileira de 2026, que já ficou prejudicada em crescimento e não deve vir com o potencial produtivo que viria caso não fosse o recente veranico, ainda existe possibilidade de uma safra grande ou, até mesmo, recorde para 2026. O fato das condições para a safra 2026 não estarem começando tão bem e de já terem provocado certo prejuízo, não significa que a safra de 2026 não será volumosa, pois ainda assim, é possível ter uma safra alta no ano de 2026 pelo fato de que, dado os problemas ocorridos nos anos de 2021, 2022, 2023 e 2024, existem muitas lavouras represadas, o que o leva à conclusão de que, até o momento, mesmo com os problemas já ocorridos, caso as condições climáticas sejam favoráveis daqui em diante, a safra de 2026 ainda tende a ser uma safra alta. Ainda com relação ao mercado de clima, do dia 05/mar até hoje (07/mar), as cotações recuaram mais de 2.500 pontos na Bolsa de NY diante as previsões de chuva que surgiram. De acordo com a Somar Meteorologia, o clima seco e quente no Brasil dará lugar a dias de chuva com temperaturas mais amenas na próxima semana, aliviando as condições secas. Caso as chuvas com o clima mais ameno se confirmem na proporção do estimado, a tensão climática com o Brasil no mercado naturalmente diminui.

Assim como as cotações do café Arábica, as cotações dos Canephoras (Robusta/Conilon)

também sofreram pressão no início deste mês de março na Bolsa de Londres, saindo de USD 5.643,00/ton do dia 05/mar para USD 5.353,00/ton no dia de hoje (07/mar), depois que o Escritório Geral de Estatísticas do Vietnã, maior produtor de Robusta do mundo, informou que as exportações de café do país em fevereiro apresentaram um incremento de 6,6% com relação ao mesmo mês do ano passado, fechando com pouco mais de 2,8 milhões de sacas remetidas ao exterior. Além disso, também exercendo pressão sobre as cotações, o Vietnã, que já vem apresentando bons volumes de chuva recentemente, segue com boa perspectiva de chuva também para o mês de março, quando se dá o início do período das floradas vietnamitas, com previsões apontando boa probabilidade de chuva para todos os dias da próxima semana nas Terras Altas Centrais do Vietnã, a maior região produtora de café do país.

Segundo a Federação Nacional de Café da Colômbia, o país apresentou o maior volume produzido em 12 meses desde o ano de 1996. Nos últimos 12 meses, a produção de café na Colômbia ficou em 14,80 milhões de sacas. Este avanço na produção colombiana está associado a um clima mais propício, depois de três anos seguidos de La Nina, associado ao aumento dos investimentos nas lavouras, diante a alta dos preços do café. Já no ano de 2024, a produção de café colombiano aumentou para 13,9 milhões de sacas ante 11,3 milhões de sacas produzidas no ano de 2023.

Na indonésia, que assim como no Brasil se aproxima de seu período de colheita, após um aumento em sua produção, de 2023/24 para 2024/25, apontado pelo USDA em 2,75 milhões de sacas (de 8,15 para 10,9 milhões de sacas), as perspectivas seguem boas para o ciclo 2025/26 uma vez que, em grande parte das regiões cafeeiras, o clima segue contribuindo com frequentes e bons volumes de chuva, mantendo, assim, boas projeções de produção.

Quanto ao consumo, a possibilidade de retração diante o aumento exponencial dos preços nas prateleiras de supermercado segue no radar e cada vez menos distante. A realidade é que aumentos significativos de preços para o consumidor final são inevitáveis. De acordo com uma matéria recente da repórter Charlotte Hughes-Morgan, da Bloomberg, indústrias europeias vêm travando uma queda de braço contra alguns supermercados e varejistas na tentativa de negociar o aumento dos preços. Algumas redes se negam a aceitar o aumento e optam por deixar as prateleiras de café vazias. De acordo com a repórter, enquanto os varejistas resistem aos esforços dos torrefadores para aumentar os preços em novas negociações, uma falta temporária de alguns produtos em certas redes vem ocorrendo em países como Alemanha e Holanda. No Brasil, apesar do consumidor final já estar absorvendo parte significativa dos aumentos dos preços, até o momento, ainda não há uma queda perceptível no consumo. Consumidor de café brasileiro segue se mostrando bem fiel ao consumo de café, mas até quando?? Diante esse contexto, os receios com a queda na demanda em função dos altos preços, segue mantendo as indústrias em alerta. A uma altura dessas, já é possível observar que as indústrias vêm comprando apenas o necessário.

Na tentativa de reduzir a inflação de alimentos, barateando os preços de componentes da cesta básica no Brasil, o governo federal decidiu zerar o imposto de importação sobre carne, café, milho e outros produtos. A decisão não foi muito bem digerida pelo setor produtivo que há cinco anos vem sofrendo com inúmeros desafios de produção e, agora, se depara com uma medida do governo que visa a queda dos preços. Todavia, as medidas anunciadas pelo governo federal para tentar conter a inflação de alimentos foi considerada inócua pela Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (Abics). De acordo com o diretor de relações institucionais da Abics,

Aguinaldo Lima, a medida é um pouco inócua porque qualquer produto de origem vegetal ou animal, para entrar no Brasil, precisa passar por análise de risco fitossanitário do Ministério da Agricultura e Pecuária. Zerar a alíquota de importação de café, sem ter autorização sanitária para a entrada do produto, não gera nenhum tipo de repercussão ou vantagem. Ainda, no caso do café solúvel, na importação, a alíquota já era zerada porque a indústria de solúvel, quando importa, o faz no sistema de drawback, um regime aduaneiro que implica em importar matéria-prima para processar e reexportar o produto final, o que isenta o imposto do insumo importado. Portanto, Aguinaldo Lima não vê nessa medida uma solução para reduzir os valores no mercado interno. Até porque o preço do café não é um problema do Brasil, é um problema do mundo. E os preços aqui no Brasil não são muito diferentes do que estão lá fora. Logo, você vai acabar trocando seis por meia dúzia, reforça o diretor da Abics.

O cenário geopolítico mundial segue turbulento frente as barreiras tarifárias que Donald Trump vem impondo. As incertezas quanto as barreiras que, de fato, irão permanecer e as que serão negociadas, deixa o ambiente econômico global extremamente instável e duvidoso. Todo este contexto tende a afetar o café de formas distintas. Primeiramente, pela aversão ao risco que, apesar de pouco mais serena do que o esperado, leva fundos de investimento e especuladores a liquidarem suas posições em ativos de risco, tal como o café, e migrarem para ativos de maior segurança. Ainda, o recente anúncio de Donald Trump sobre tarifas adicionais para o México e o Canadá, deixou o setor industrial de café dos EUA apreensivo uma vez que tal medida deve impactar diretamente nos preços do café para os consumidores norte-americanos devido à interconexão existente na comercialização do produto final entre estes países e os Estados Unidos, onde ocorre o maior consumo de café do mundo. Tanto é que, de acordo com a Reuters, a Associação Nacional do Café (NCA) dos Estados Unidos vem se movimentando para que o governo Trump isente o café de quaisquer tarifas, sob a justificativa de que as tarifas adicionais já adotadas poderão ocasionar uma elevação de até 50% nos preços do produto para o consumidor final.

Outro fator que contribuiu para a queda das cotações do café no último decêndio do mês de fevereiro/25, foi o desempenho negativo do petróleo e de Índice CRB. O Petróleo que já vinha em forte queda desde meado de janeiro/25, no último decêndio de fevereiro/25, saiu de níveis superiores a USD 75,00 para ir abaixo de USD 70,00. Já o Índice CRB, no último decêndio de fevereiro/25, saiu de níveis superiores a 315,00 pontos para esbarrar nos níveis de 300,00 pontos ao final do mês. O principal motivo para essas quedas foram as tarifas impostas pelo presidente dos EUA, Donald Trump, sobre Canadá, China e México que aumentaram as tensões comerciais.

Como pode ser observado no gráfico da primeira página, no início do mês de fevereiro, indicadores técnicos como o Estocástico, o Índice de Força Relativa e as Bandas de Bollinger davam indícios de um mercado sobrecomprado e próximo de uma correção técnica, indicando que estaria por vir uma possível realização de lucros por parte dos fundos de investimentos e especuladores que, ao final de janeiro detinham um elevado saldo líquido comprado na Bolsa de NY. Conforme posto na Síntese do mês passado, de acordo com o relatório da Comissão de Negociação de Contratos Futuros de Commodities (Commodity Futures Trading Commission), do dia 28/jan, os Non-Commercials (Não comerciais - fundos de investimentos e especuladores) detinham um saldo líquido comprado de 76.520 contratos futuros de café na Bolsa de NY, com 178 fundos detendo posição comprada de 85.902 contra 44 fundos detendo posição vendida de 9.382 contratos. Já no dia 03/mar, o saldo líquido comprado dos fundos havia caído para 58.837, comprovando que o que foi previsto na Síntese de janeiro, estava correto, tanto que se

concretizou: uma correção técnica, com a realização de lucro por parte dos fundos, sobretudo, no último decêndio de fevereiro, um período em que a queda brusca das cotações nas Bolsas se deu ainda na ausência das atuais previsões de chuvas. Como sempre, são muitos contratos comprados nas mãos de poucos fundos e qualquer movimento desse pequeno grupo pode ter reflexo acentuado nas cotações.

Se por um lado, a desvalorização do Dólar tem peso positivo para as cotações do café nas principais Bolsas do mundo, no mercado físico interno, a queda do Dólar contra o Real acaba pesando negativamente na composição dos preços uma vez que impacta diretamente nos valores que os exportadores pagam aos produtores.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Realmente muitos fatores pesando a favor e muitos fatores pesando contra as cotações do café. Neste embate, é sempre interessante lembrar que, nenhum fator sobrepõe os fundamentos de oferta e demanda. A grande questão aqui é: Até quando a escassez durará? O aperto na oferta, diante o baixo potencial da safra brasileira deste ano, deve seguir, ao menos, até o final da temporada 2025/26, o que, associado aos baixos níveis de estoques, deve minar quedas mais robustas e, talvez, até estimular novos picos. Neste sentido, a atenção deve se manter para o próximo ciclo (2026/27) e, já no segundo semestre deste ano, será possível ter uma visão um pouco mais clara do que será o cenário, sobretudo, após as floradas brasileiras que originarão os cafés de 2026 (ciclo 2026/27), momento em que o mercado começa a precificar a safra 2026 de modo mais intenso. Por fim, o produtor deve ter calma para compor suas médias, não há por que se afofar, é preciso ter em mente que, mesmo que os preços recuem em algum momento, dificilmente voltarão aos patamares de baixas já vistas há algumas décadas atrás e dificilmente permanecerão baixos por um longo período, tudo leva a crer que o setor cafeeiro entrou em uma nova realidade, em que a curva de preços, apesar de possíveis recuos (inevitável), deve permanecer acima do que já foi no passado.

Varginha, 07 de março de 2025.

Analista: João Marcelo Oliveira de Aguiar.

Superintendente Executivo - Fundação Procafé